

A IMPRENSA.

ORGAN DO PARTIDO LIBERAL

A IMPRENSA publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular — conforme o ajuste, devendo virem os autographos respectivos habilitados, sem o que não serão publicadas; do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXIV.

TERESINA, — SABBADO, 4 DE MAIO DE 1889.

NUMERO 1071.

A IMPRENSA

TERESINA, 3 DE MAIO DE 1889.

O exm. sr. marquez de Paranaguá.

Em *Caxambu* (Minas Geraes) onde se achava em passeio o nosso preclaro chefe e distincto amigo o exm. sr. Marquez de Paranaguá, foi s. exc. acometido d'uma grave enfermidade.

Felizmente, porém, nos é sobre-modo agradável declarar aos nossos amigos — que o illustre enfermo já estava em franca convalescença e prestes á regressar á corte, segundo s. exc. acaba de comunicar ao nosso importante amigo coronel João da Cruz e Santos.

Pelo seu quasi completo restabelecimento, congratulamo-nos com s. exc., com o partido liberal piauiense e com o paiz; fazendo sinceros e ardentes votos pela plena restituição da preciosa saúde de tão distincto cidadão, e por seu feliz regresso ao seio da exm. familia, que tanto o estimam, apreciam e veneram.

O «Paiz» da corte e o «Jornal do Commercio» escreveram sobre o estado de moléstia do nosso proeminente chefe e prestimoso amigo as linhas, que se seguem:

«Nestes ultimos dias diz o «Paiz» que se achava em tratamento nas aguas de Caxambu.

«O estado do estimado estadista impressionou tanto os seus amigos, que telegrapharam logo aos seus filhos e genros.

«Hontem partiram para Caxambu os srs. barão de Loréto e drs. José Paranaguá e Serafim Moniz Barreto.

«Sua Magestade o Imperador mandou pedir por telegrapha noticias da saúde do enfermo.

«A noite subimos que o estado do Marquez de Paranaguá era melhor».

O «Jornal do Commercio» acrescentou:

«O sr. Marquez de Paranaguá, cuja grave enfermidade inspirou serios cuidados, tem experimentado algumas melhoras, pelo que é provavel que dentro de poucos dias possa regressar de Caxambu para esta cidade».

Nos fazemos votos pelo proximo restabelecimento de s. exc.

Noticias politicas.

Em seguida publicamos diversas noticias politicas — contidas n'uma correspondencia da corte para o «Jornal do Recife».

Ellas, por sua importancia, merecem ser lidas, para que os nossos amigos se possam á par do que tem occorrido, por parte do governo *loyal*, n'esta triste e deploravel situação, que atravessamos.

A imprensa illustrada da corte está toda de lança em riste contra o gabinete 10 de março.

O «Diario de Noticias», escripto pela vigorosa penna do grande Ruy Barbosa declarou tambem guerra e guerra do exterminio ao ministerio. Os artigos d'esse importante órgão de publicidade tem sido recebidos com especial desagrado pelo governo dos *Loyos*, que irritou-se profundamente com o apparecimento do primeiro artigo.

No meio d'essas noticias, encon-

trarão os leitores uma estatística nominal dos deputados conservadores, opposicionistas, dos liberaes e dos republicanos; estatística confeccionada pela «Gazeta de Noticias».

Decididamente, o gabinete está morto; elle não poderá resistir aos embates da opposição no seio da camera dos srs. deputados, e nem ao poder da imprensa illustrada da corte.

Ha de cair no primeiro combate, e com elle a situação.

SUMMARY: — Ainda e sempre os Loyos — Extraordinario successo de um artigo do «Diario de Noticias». — O sr. João Alfredo, depois d'esse artigo. — Estatística parlamentar. — A questão do ouço. — Occurencias diversas.

Loyos fer ever! tal é o titulo de um pequeno artigo em que o «Novidades» de hontem recommendou á gratidão do povo do Rio de Janeiro o sr. Loyo, pedindo para este nma manifestação igual á que fizeram na cidade de Juiz de Fora, em seu regresso triumphal de Ouro Preto.

Sim, sempre os Loyos! com os quaes eu não me occuparia mais se me fosse licito escolher os assumptos, se não me fosse imposto transmittir com fidelidade a ultima impressão sob que estão os espiritos.

Ora, basta abrir qualquer folha desta capital para ver-se que nem mesmo o estrobozoso commettimento do engenheiro Frontin, trazendo agua á Corte em seis dias, distribio a attenção das facanhas da firma Alfredo Loyo & Filhos.

Para isso concorreu em grande parte um notabilissimo artigo do «Diario de Noticias», do que é pouco dizer-se que foi um acontecimento, tem sido todos os editoriaes desse jornal depois que o sr. Ruy Barbosa assumio-lhe a direcção politica.

Para imprimir o merecido estigma aos escandalos de um governo, a palavra humana não se poderia elevar mais alta do que nos periodos viadores desse escriptor sem igual.

A pinça com que elle estende a erguer os retalhos da grangrena ministerial é empregada com tanta arte que se tem perfeitamente a impressão de estar junto a um corpo de quem a podridão se estivesse apoderando.

Desde a famosa concessão feita, no Amazonas, pelo celebre presidente Cardoso de Andrade, que foi quando se ouviu estruirdo do seio da nação um dos primeiros gritos da preza nas unhas do milhafre, até os ultimos contractos obtidos do sr. Gonçalves Ferteira na provincia de Minas, deixando, de caminho, em salientissimo relevo a parte que tomou na negociata do porto de Pernambuco o então secretario do governo dessa provincia; *esperançoso* (este esperançoso — é admiravel!) membro do nosso mandrião, toda a historia do *loyalismo* e a demonstração de como os lucros do *syndicalo caseiro entram para a casa do presidente do conselho, ainda que não seja a sua burra*, são feitos com um vigor de que só a leitura integral desse li bello politico poderá dar idea.

Os artigos do sr. Ray Barbosa são realmente peças artisticas tão perfectas que é quasi uma profanação misturar delles algum trecho.

Como, porém, na minha modesta missão de chronista, eu devo crer que nem todos os leitores do «Jornal do Recife» recebem o «Diario de Noticias», me perdoarão reproduzir as eloquentes palavras com que elle fecha a terrivel analyse:

«Abi tem um corpo dissécao,

que se não sabe se é o de um gabinete, o de uma situação, ou o das instituições constitucionaes; tal é a confusão de responsabilidades. «tanta esse ministerio tem contaminado a situação de que vive, tanto a corva se tem identificado a esse ministerio que a dissolve.

«Mas que póde a imprensa?

«A carcassa ha de continuar a empestar a atmosphera, porque o Estado não tem chefe, e o povo não tem vontade.»

O admiravel escripto traz com muita propriedade este titulo — Basta!

O successo foi o maior que já teve aqui um simples artigo de jornal.

O «Diario de Noticias» era disputado nas ruas aos vendedores; e a redacção da folha affluio gente a procurala.

Se o sr. João Alfredo já estava enterrado até ao pescoço na lama do *loyismo*, o sr. Ruy Barbosa afundou-o até desaparecer a cabeça.

Um convencio está formada em todos os espiritos de que o sr. João Alfredo é o chefe real do *syndicalo* de que o sr. Loyo toma a responsabilidade perante o publico.

E como não ser assim se é da propria casa do presidente do conselho, ou, antes, da casa de ambos, que parte o sr. Loyo para suas explorações?

E' fóra de duvida, portanto, que ainda nenhum ministerio no Brazil attingiu, pelo lado da moralidade administrativa, o descredito em que cahiu o gabinete de que o sr. João Alfredo é o chefe honorario.

Ha quem pense que elle tem consciencia disso e que, sobretudo depois do — Basta! já não póde occultar seu abatimento.

A passageiros das barcas de Petropolis tenho ouvido que sua physionomia ora exprime desaninho, ora irritação, a tal ponto que poucos d'elle se aproximam.

E' um nevropatha, dizem os intimos. E' um homem que está lutando que não ha de voltar a ser o que foi, dizem todos.

Qual, o effeito, de tudo isso sobre a vida do ministerio, estou ouvindo mais uma vez me perguntarem. Julgam alguns que o sr. João Alfredo fallará a coragem de comparecer perante as camaras e que tomará qualquer pretexto para retirar-se; mas esses não reflectem em que, se a cifra cubicada pelos *loyos* não está ainda arredondada, elles lhe darão essa coragem.

Quanto á estatística parlamentar ouvi hontem a um *poulista* que a opposição subiu á 57 com a eleição do sr. Diana e a acquisição recente do sr. Soriano. Sendo assim, o gabinete está derrotado.

—O ministro da fazenda ainda não tomou nenhuma resolução sobre a circulação das libras esterlinas. Estando o cambio acima de 27, a libra esterlina compra-se no mercado por menos do preço legal que é 8\$890, e como o Estado é obrigado a receber a nas estações publicas por este valor, acontece que é um bom negocio para os particulares, que tem de entrar com o dinheiro para os cofres publicos, fazer os pagamentos nessa moeda. Em consequencia disso as libras esterlinas têm affluio para o thesouro e suscita-se a questão de saber se os particulares são obrigados a receber-as do Estado pelo mesmo valor porque este os recebeu, isto é, por menos do seu valor real. As repartições de fazenda de Nicteroy assim o estão entendendo, o que quer dizer que alli o credor da pro-

vincia está recebendo menos do que effectivamente se lhe devo. Facil é de ver a perturbação que isso está produzindo, tanto maior quanto não temos um tal disposição legal que seja a hypothese de modo a não admitir dvidas, entendendo uns que para os particulares a circulação é facultativa e outros que é obrigatória. A primeira opinião tem maior numero de partidarios na imprensa que está disrutindo a questão; os que a defendem aconselham ao governo, como medida provisoria que mande recuar pelo nosso padrão as moedas estrangeiras que tem recebido; para poder entregal-as a circulação; e consta já que 113.000 mil libras esterlinas foram mandadas para a casa da moeda para serem convertidas em moedas de 200\$ e 100\$000.

A superabundancia de moeda metálica faz com que varios órgãos da imprensa estejam de novo instando com o ministro da fazenda para que, aproveitando-se da occasião, realisa a conversão do nosso meio circulante e remova os embarços para a instituição dos bancos de circulação.

Não é, porém, do actual ministerio que nada disso se póde esperar. Com esses reclamos pelos bancos de circulação coincide a publicação do relatório Banco Internacional, o onde se vê que esse importante estabelecimento de credito preparava-se para emitir bilhetes, de conformidade com a lei votada o anno passado, quando appareceu o regulamento de 5 de janeiro desta anno, no qual o governo, limitando e restringindo algumas disposições da mesma lei, tornou impossivel aos bancos coadjuval-o no empenho de converter o meio circulante.

—A *Tribuna Liberal* de hoje diz, em artigo editoriaal, que ao descer o sr. João Alfredo do *coupe* para entrar na Capella Imperial, partiram do povo estas vozes: *Pae dos loyos! Loyo! Loyo!*

—Varios jornaes annunciarão hontem o proximo enlace do sr. Joaquim Nabuco com uma das mais distinctas moças da nossa sociedade d. Evelina Torres, neta do barão de Itambé.

—Assegura-se que o sr. Antonio Prado não reassumirá a pasta da agricultura na esperanca de que, pondo-se fora do ministerio, virá a ser presidente do conselho de facto e de direito.

—Já tenho me refrido varias vezes nestas cartas á estatísticas que fazem para calcular-se se o governo terá ou não materia para viver depois de abertas as camaras. Por uma que publicou ante hontem o «Novidades» 58 deputados estão em opposição. A «Gazeta de Noticias» de hontem dá a seguinte como recebida de pessoa que se diz bem informada:

«Provavelmente não tomam parte nos trabalhos da proxima sessão os srs. Jaguaribe, visconde de Nacar, Guilherme Cruz e Pedro Brandão. Ha duas vagas a preencher, as dos srs. Mariano da Silva e Bento Ceciliano.

Provavelmente estas duas vagas serão preenchidas por candidatos de opposição, por isso que a primeira é de liberal, e a segunda concorre o sr. Portella, conservador, que não é conhecido no districto, e não tem a adhesão de alguns chefes do partido.

GOVERNO	OPPOSICAO
Conservadores	Liberaes
1 Passos Miranda.	1 Rodrigues Junior.
2 Cantão.	2 José Pompeu.
3 Manoel Ribeiro.	2 Ratsbona.
4 Costa Aguiar.	4 Elyseu.
5 Leitão da Cunha.	5 Paula Primo.

GOVERNO	OPPOSICAO
6 João Henrique.	6 Nabuco.
7 C. de Resende.	7 Cunha Beltrão.
8 Araripe.	8 Aristides Spinoza.
9 Cantão.	9 Zama.
10 Caminhá.	10 E. de Mesquita.
11 Tarquinio.	11 R. Peixoto.
12 João Manoel.	12 Pedro Gordilho.
13 Ansió.	13 Ferreira Braga.
14 Henriques.	14 Conde do Pinhal.
15 Soriano.	15 Alves de Araújo.
16 Figueirôa.	16 Maciel.
17 Jovencio.	17 Diana.
18 H. Marques.	18 Joaquim Pedro.
19 Lucena.	19 Lemos.
20 Araçagy.	20 Custodio Marinho.
21 Alcofrado.	21 Affonso Pena.
22 Rosa e Silva.	22 S. Mascarenhas.
23 G. Ferreira.	23 P. Mascarenhas.
24 Alfredo Correia.	24 H. Salles.
25 Olympio Campos.	25 Casario Alvim.
26 Coelho e Campos.	26 Penido.
27 Guahy.	27 Montandon.
28 F. de Carvalho.	28 Malta Machado.
29 Milton.	29 A. Ceiso Fulho.
30 Rio de Contas.	30 L. Albuquerque.
31 José Marcellino.	31 Theophilus.

GOVERNO	OPPOSICAO
32 Americo de Souza.	32 Clarindo Chaves.
33 Araujo Pinho.	33 Mac-Dowell.
34 Araujo Góes.	34 D. da Silva.
35 Geremeabo.	35 Gomes de Castro.
36 Junqueira Ayres.	36 Dias Carneiro.
37 F. da Cunha.	37 Ribeiro da Cunha.
38 Mattoso Camara.	38 Coelho Rodrigues.
39 Ferreira Vianna.	39 Jayme Rosa.
40 F. de Oliveira.	40 Portugal.
41 Drumond.	41 T. Machado.
42 Figueira.	42 Luiz Freire.
43 Elias Chaves.	43 Oliveira Ribeiro.
44 A. Nogueira.	44 Costa Pereira.
45 Rodrigues Alves.	45 Cochran.
46 Duarte Azevedo.	46 B. Carvalho.
47 B. de Rezende.	47 Castrioto.
48 Delfino Cintra.	48 Pedro Luiz.
49 Backradt.	49 Bezamat.
50 Pinto Lima.	50 Alfredo Chaves.
51 Ser Navarro.	51 L. Werneck.
52 Tavares.	52 Paulino Chaves.
53 Mourão.	53 Christiano Luz.

Dado que as duas vagas fiquem preenchidas por opposicionistas, a distribuição é a seguinte:

Numero de deputados	125
Não comparecendo	4
Ficam	121
Governo	64
Opposição colligada	57
	121

Salvo erro ou omissão.

COLLABORAÇÃO.

Finis coronat opus.

O meio melhor de se preservar do veneno da serpente, é se esmagar a esta, disse alguém, e é uma verdade comprovada por muitos factos.

E' hoje a nossa tarefa, respondendo os insultos, as diatribes, e as insolencias do W. da «Epoca», em resposta ao nosso primeiro escripto, no qual, com moderação, e guardada certa cortezia, mostramos ter elle desvirtuado a nobre missão de historiadôr imparcial, para se tornar echo da calumnia, o vehiculo do insulto contra a pessoa do nosso preclaro chefe o exm. marquez de Paranaguá.

—Desorientado W, pela refutação formal — opposta ás suas perfidas insinuações, escrevendo o que o odio a inveja aconselharam, volta elle, ao mesmo diapason, na mesma linguagem virulenta, e até immoral, sem mostrar o nosso erro — quando lhe ensinamos que a missão do biographo não consistia em descompor, mas censurar, e que a historia devia apontar as faltas e os actos bons, para assim isentá-lo da pcha da parcial. Occultar, porém, estes, e enumerar aquelles, gerados pela sua enferma imaginação, guiada pela calumnia, tendo como conselheiro o odio, inspirado pela inveja, só ao

intuito de deprimir, é falta gravíssima, digna de severa reprobção.

Disto não se occupou o legendario W, circumscreveu-se, limitou-se apenas a emprestar-nos os mais vis attributos, como se si tratasse de provar quem melhor esgrimiria as armas do insulto e do doesto, terreno em que, per certo, lhe cedemos a palma, não o acompanharemos, não descereamos á elle, como indigno de quem teve educação.

Se o nosso fim fosse retaliar, oppôr insulto á insulto, poderíamos brandir iguaes armas, sinão com a proficiência e galhardia de W, de modo satisfactorio, e por maneira á provar que elle não é propriedade sua, e nem a invenção de descompôr arte por si preparada.

Se, per tanto, deseja que lhe rendamos deferencia e decoro, que exigem seus oitenta e muitos annos, deve o exemplo partir de lá: respeite, para ter igual direito, maxime sendo um velho que, apesar de conquistador, já não possui robustez e forças para mais nada...

Moralise a discussão, que não lhe regatearemos igual fluencia.

Julgá-se o venerando o legendario W injuriado; e porque? Por termos, como politicos, tomado á nossa conta refutar as calumnias, as injurias, e as torpezas, que na sua bestialogia, alucinada de biographia, injustamente, ousadamente assacou contra o nosso prestimoso chefe, e respeitabilissimo amigo Marquez de Paranaguá. Por mais nada; como se as suas accusações participassem da infallibilidade papal, e isentas estivessem de contestação; e como não reconhecemos esse direito; e lavrassemos o nosso protesto, volta ao nosso encontro, de sabios contrabrillos, feições rubras, cam baleando como o ebrio, que a força do alcool fez perder o equilibrio, e das mãos nas ilhargas, saia alevantada, como a messalina que vendeu o pudor nas aras da corrupção, á insultar-nos, taxando-nos de bebados, patifes, aduladores, sem se lembrar do triste papel que representa de vil e desprezível calumniador! Maior insolencia, não se pode dar.

W, que tem levado uma vida politica, cadeia continuada de desprestijos; q' mil vezes tem sido chefe de partido, e mil e uma ha cahido da escada do ridiculo até rolar na praça da irrisão publica; que, ultimamente deposto, dormindo na valla commum, onde descamção tantas outras sumidades do seu jaez, vive arreado da politica, por não terem os seus podido supporter o peso do tão incommodofardo, que só servia para arranjarr passageiros nos vapores,—lá mesmo, do fundo de seu perpetuo desterro, em lugar de occupar-se em resar para vér se Deus se amereia de sua alma, e o livrá, em quanto no mundo, de alguma bale emvenenada; W, não descansa, concebendo planos imaginarios e infernaes, e não dorme, perscrutando ensejo, um meio proprio para ferir a reputação—d'um homem emidente, e lançar sobre o seu nome o ridiculo e a odiosidade, com a mesma levandade e presteza com que prepara verso-quebrado—para endeesar a qualq'ur pipa, arvorada aqui em actriz!

E não admitta contestação, pelo mesmo motivo por que não se quer resignar com a triste posição de—deposto, e como tempo ferir o amigo, que para isso concorre, se compraz em descompôr, á quem nunca o molestou!

A sua mania chega á ponto de não querer que um seu semelhante, tome a defeza da pessoa, que accusa; e se isto se dá, — o insulto, a injuria, e o doesto, são as armas de que se mune para ferir ao proprio Urso branco, á quem taxa de adulador, esquecido W de que tambem o poderíamos taxar de calumniador que amovido de odio e de vingança, accusa maliciosa e falsamente, para infamár, impeta com má fé—delictos, acções ou ditos que offendem a honra, para cobrir de opprobrio a infeliz victima do seu faror.

O calumniador, é mais malvado do que o malizante e o detractor! Eis ahí W.

—E' sobre tudo, p' os seus vellos, com seu de h'ate arrependida da falta, e avera que nos seus modestos apontamentos, (apontamentos de que? que modestia, só?) emba injuriou intencionalmente o nosso prezado chefe, quando, no mesmo escripto em que vomita tal heresia, afirma que o sr. Marquez, é formado (os pés) da mais podre e corrupta argilla dos inhospitos serites de Gilbués, comparado á, bem poder ser, com W, composto (os pés) do luxu do decantador riacho—Pouca vergonha, da bella Ousás!

Decididamente, não guarda a certeza de que em todos os seus escriptos—injuria, calumnia ao Marquez, e compara-o ao celebre Calabar, que, com tudo, nos parece superior a W, por que, apesar de traçoireiro infame, possuía dois luzeiros que illuminavão o seu organismo de fera—coragem inabalavel e profundo arrependimento—que não tem W, signal de—que lhe dizia a consciencia nunca ter envenenado balas, ou bolas, na phrase do sabio e legendario—autor das pilherias insulas.

—Sirva de attenuante á W a falta de intenção do § 4.º do art. 18, á que se soccorre, e isenta-o da punição, no caso, o art. 3 combinado com o § 2.º (salvando a hypothese) do art. 10—tudo do cod. crim.

Este gosto de, não intencionalmente, injuriar-se a outro, mostra o desespero em que se estorce W, que não podendo (só por temor) ferir á seus verdagos, devancia-se em dascar regar os seus maus humores, e odios contra o illustre sr. Marquez! E' o vingar se em um quando senão pode vingar no outro—Qui asinum non potest, stratum cedit.

Deposto pelo seu parente conego Rego—que garantia só militar nas fivras do seu partido quando mais nada valesse W,—temendo-o, delata-se em injuriar a seu adversario, na esperança do perdão voluntario, ou na certeza do desprezo merecido.

Compre um fado—fazer mal, só pelo desejo de ser mau. Nave Vitellio, lhe cheira bem o cadaver d'um inimigo, principalmente quando é d'um compatriota.

—Pythagoras, comparava as paixões humanas a uma pipa com horacões, e, por conseguinte, incapaz de jamais se encher; assim tambem a perversidade do calumniador, por mais que fira a reputações illibadas, nunca se satisfaz, fere, fere, e fere sempre.

E' W em miniatura:—escravo de suas paixões, com o furor do animal feroz; e o ardor d'um selvagem, desde que estas se fazem ouvir, desaparece o homem para dar lugar ao bandido, ao calumniador... esse monstro impossivel de ser apunhado, que possui os cem braços de Briée, e as cabeças sempre renascentes da hydra de Lerne, flagello devastador á quem ninguém pode escapar!

E' o receio que nos inspira W: tememos os seus insultos, que, no estado de homem, não atiraria nos, receioso da represalia, n'a qual, no outro estado, não pensa!...

E' temivel lord W; contrariado no seu hoc volo, sic jubeo; sit pro ratione voluntas, transforma-se nas tizes divindades infernaes—Clotho, Lachesis e Atropos, encarregadas de fiar a vida dos homens, e despede coriscos de insultos, raios de descompostura, em quem tenta oppor embargos as suas estulcias e enfraquecimentos...

—Discorrendo, diz, que sendo o coração humano terra estranha onde ninguém lá foi, não podemos, por isso, apreciar as qualidades do nosso chefe, que não constão dos livros; portanto, não é elle esse homem apregoadado, por nós, seus abiccareiros, pagus para tal fim, e escravos, apesar da total abolição de 88.

Externa-se assim á nosso respeito, nós que somos politicos, e temos o dever de defender a honra dos nossos amigos das aduncas garras das barpias, no entanto, W, simples deposto,

arredio com a confessa, se julga com o direito de insultar soezmente o nosso distincto chefe, sem mesmo ter o exemplo de haver ónto salteador de casa, partido e hypocrita, se proferido em linguagem tão baixa virulenta, tratando da pessoa que o odio e a inveja atassalhão.

Alcicareiros pagos, e escravos! Seremos tudo, porém um crime não nos imputará — envenenadores de balas... A sua audacia não chegará á tanto.

Se o espirito de W não estivesse gasto, ou torbado pela inveja, e pelo desejo de deprimir, não desconheceria que todos os melhoramentos concedidos á esta terra, proximos, ou remotos, são obras alcançadas por iniciativa do illustre Marquez, ou tiverão o seu concurso, como auxiliar; e se não merecem attenção e os applausos de W nem por isso, desapparecem, ou diminuem o seu justo valor.

Não contestamos o direito de censurar-se os actos do mais poderoso monarcha, ou do mais humilde plebeu—vivo, ou mesmo morto; pelo contrario, somos sectarios d'essa doutrina; pois só assim haverá correção nos q' governos, e existirá um freio para o desmando; visto como, o poderoso, na certeza de que, nem o voo da morte, inibe de ser com severidade julgado—pelos bons e mansuetos, que praticar, recuará diante d'estes, pelo temor de ser sua memoria amaldiçoada! E é um exemplo para os futuros...

Mas, do direito da censura ao abuso da descompostura, ha um valado enorme: uma serve, e corrige; a outra é detestavel, e revolta: aquella exerce o homem de educação, esta é a arma, na mão do calumniador, que não tem imputabilidade!

Aconsellamos sempre á W que podia, descrevendo a vida do nosso chefe, censurar, ainda que com certa vehemencia, os erros, que lhe notasse; só lhe negamos, sim, o direito, que suppuzha ter de, impunemente, insultar-o, sem contestação nossa, que temos do nosso lado outro direito mais legal—o da represalia, que ainda não empregamos, como tem merecido o venerando W, não por temor, mas na esperança de vê-lo regenerado—abandonando o habito de veterano á que se acostomou de descomponer todos sem motivo justo.

Felga W em reconhecer que o benemerito Marquez, não tem maus instinctos, e a prova, apresenta-nos nós, é que não liga importancia as diatribes contra si arremessadas, e perdôa generosamente a seus vis e pesquinhos aggressores; porém, como politico é traspasceiro, traçoireiro, malavel, ducil &c. Não podemos comprehender como um só homem possa ser ao mesmo tempo—bom e perverso! Se dissessemos, verbi gratia, que W, como bom, velho conquistador, tem alma senão fêl, mas, como politico é um monstro, um calumniador, ou assassino, não quereria acceptar o elgio, com os outros addendos, não ffaria satisffeito, e sairia com a busina de Pan á tocar com tanta força, que pôria em fuga á todos os habitantes da cidade!

Do ponto acima até chegar em Napoleão, W trata de litteratura e historia indigestas, incompreensíveis, que fazem preguiça; e fecha a tenga longa, chamando bernardice a verdade proferida por aquelle, tratando dos homens de bem.

Se elle, pronunciando aquellas palavras, fizesse allusão a Tiberio, Nero, Caligula, Lopes do Paraguay, W da «Epoca», e outros, mereciao, realmente, ser taxadas de—berna-dices; mas, não; tratava de homens de sua estatura, pelo valor, nobreza de sentimentos, saber, e serviços, sem se lembrar dos que figurão como tyranos, monstros, calumniadores, que, fazendo uma excepção digna da execração universal, somente são citados para mostrar a encarnação do vicio e do crime, ou servirem de copia fiel á W.

O grande imperador, fallou de homens notaveis: dos tyranos, nunca

se lembrou elle, sinão para esmagar-o! se W estivesse lá n'esse tempo... hoje não se recordava de corôa do capim...

—Glamorosa injustiça nos faz W, dizendo que o chamamos envenenador de balas! é uma proposição contra á qual solemnemente protestamos:—nunca tal asseveramos; e se, no correr da penna, na descripção de algum facto, ou comparação de feitos, escapou-nos a expressão—balas envenenadas—não foi intencionalmente, escorregou, como outra, que não ella, e se os pensarmos que fosse tão corteira atacar os laços membros de W, que não podem mais soffrer certos choques!...

A razão—porque—, não sabemos; porém, protestamos não mais empregar—balas envenenadas, e nem bolas, que se parecem.

Outro engano lamentavel de W: dizer que queremos intrigar-o com o actual administrador, quando fazemos ardentes votos para que mais estreitas se tornem essas relações; pois, só assim s. exc. o ficará conhecendo bem, apesar do que diz o «Paiz»...

De facto dissemos—não ter o partido poder para elevar ou abater a posição de ninguém; tanto assim que, se o Marquez de Paranaguá representava um brilhante papel no scenario politico, devia a si tão somente, e não ao concurso das conservadores, que se possessem influir em qualquer coisa, e odiando ao benemerito e illustrado senador Maranhense—conselheiro V. da Silva, este, tambem não representava igual papel, por que o partido conservador do Pityhy, que lhe fez crua guerra, não queria.

Não entrou nos nossos calculos attribuir o rompimento d'este com aquelle á influencia, e prestigio de W, e assim procurar intrigar-o com s. exc., pois, de sobra temos conhecimento de que o mesmo W nunca gozou de uma causa alguma, e sempre foi chefiado...

Grêa-nos, não tivemos nem uma, nem outra intenção.

—Ao concluirmos a leitura do monumetal escripto de W, uma lagrima roluu pela nossa face, lembrando-nos do mavioso cantor do pinto morto no bolso—F. Ewerton, incomparavel emulo de W, unica consolação que nos resta de não estar totalmente extincta a raça d'esses poetas de corôa de capim.

Os seus mimosos versos, dasper-tarão em nós a lembrança da quadra do poeta portuguez, que, invertidos os nomes, reproduzimos:

«O W e Fabio Ewerton Tanto, entre si, se ajustarão, Que bem parece, que ambos, Em uma só lyra tocarão!»

—Se não conhecessemos—o quanto é desfructavel o cantor da Bilsenão, por certo que os versinhos que escreveu, deixavão-no visivelmente descripto.

Continue, que a gloria é sua, e no Pantheon onde figura F. Ewerton, será escripto o nome de W, o legendario.

Desejamos voluntariamente dar um conselho a W: é conselho, e não ameça.

Seja mais delicado e comedido, no emprego de suas phrases, pois só assim, adquirirá direito a nossa consideração e cortezia; senão garantimos, á fé de urso branco, que romperemos o laço da especie que nos liga, e... como justo, pagaremos amabilidade com amabilidade.

Se W é medico, e despacha suas receitas envenenadas, nós seremos o boticario, e passaremos os ingredientes, que devem curar o seu mal...

Rompidos os diques da consideração, recorde-se que, nascendo em 1800, (os 89—são seus) é mais velho, que nós, e mais actos tem praticado... Respeite, que verá a nossa obediencia á quem pôde ser nosso quarto-avô.

—Circumscreva-se ao papel que seus annos lhe dão direito; visto

como, muito já ha feito para, na hora extrema, ao desprender-se do envorlucro sua alma, soltar na face do universo estrepitosa gargalhada, e, como Nero, exclamar: «Ai! que artista o mundo perde na minha pessoa! Depois... nada mais—finis coronat opus...»

—Convença-se mais, que a reputação bem firmada do nosso preclaro chefe o sr. Marquez de Paranaguá, que a conserva e zela com talisman de grande lavôr, não é cousa de nada, e que esteja sujeita á ser eliminada com um traço de tinta, pela mão pueril da calumnia.

Firrada, e devidamente apreciada pelos homens eminentes e imparciaes, a voz dissonante de W não terá o effeito de mareal; e o justo conceito, que fazem das suas virtudes, saber, e serviços, não soffre a menor quebra só por que a inveja e o odio de W procurem empanar-lhe o brilho.

Neste tentamen, por mais que trabalhe, baldados, improfitos serão os seus esforços, que melhor fructo darião se os empregasse em lamentar a sua deposição, ou curar a velha mania...

Arredio da politica, deixe a nobre missão á qualquer crente da vida activa. Assim andaremos em paz, livres d'essas discussões á que as inconveniencias, e as insolencias de W, nos arrastão.

Viva na sua ociosa reserva, mas conte sempre com os embargos do seu URSO BRANCO.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

SENTENÇA

FORO DE OBRAS.

Vistos estes autos &c. Allaga a antora d. Roza Benedicta de Hollanda, que é senhora e possidora da fazenda «Patos» desta termo, por herança de sua fallecida mãe d. Eugenia Luzia de Hollanda, e esta desde o anno de mil oitocentos e onze, por doação de seu finado avô Estevão José Cavalcante e sua madrasita d. Maria Gameira da Cruz; Que a dita fazenda «Patos», sendo terra da data da fazenda «Macambo», é delimitada do lugar «Roca-nova» ao rio «Canindé» sendo a linha divisoria o riacho «Rancharia», e de outra parte deste riacho com as terras do riacho «Pequeno»; Que o lugar «Baixão da Jeronyma», ao Nordeste da casa da fazenda «Patos» e a meia legua de distancia sempre foi tido e havido como da fazenda «Patos» por achar-se dentro da circumscripção estabelecida entre o riacho «Rancharia», e as terras do riacho «Pequeno», e as terras do riacho «Pequeno», as quaes tem os seus limites a margem esquerda deste riacho e achar-se o «Baixão da Jeronyma» a margem direita; Que a tres annos um dos possuidores das terras do riacho «Pequeno», major Enéas César Brandão, procurou fazer uma roça neste «Baixão», porém, sendo—por ella obstado, abriu mão de sua pretensão e reconheceu o seu direito, por um contracto, ao referido «Baixão»; Que logo depois mandou por um seu filho capitão Manoel Marques do Hollanda, fazer signaes e demarcações da terra no dito «Baixão» para roça e casa, assentando forquilhas e abrindo broca e derrubando matas para plantações; Que começados estes serviços fuão elles inutilizados pelo réo major Antônio de Hollanda Costa Freire, que em o mez de setembro de 1886 acompanhado por cerca de 30 homens deitou abaixo o mata deste «Baixão» e poz fóra o seu alagado Agostinho Ferreira de Carvalho que alli estava abrindo roça, e tomou-lhe o terreno por este já brocado e derrubado, fazendo manifesta ostentação da força esturdada no seu sequito; Que para assim proceder declarou o réo não só ser possuidor de terras da fazenda «Macambo» á que pertencia aquelle «Baixão», como haver comprado ao major Enéas Brandão o antigo serviço que alli fizera; Que esta declaração do réo, não tem porém procedencia, porque precisando

To provas que mentes, velho idiota, velho cynico e sem pudor, tu que ha muitos annos...

Velho libertino enrubescido, toma vergonha, não mintas assim descaradamente...

E todos os phrenologistas antigos e modernos, Gall, Lavater, o conde Spurzheim...

A concordancia com tu fazes—já disse outra vez um namorado... Que te faltas...?

O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta. E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Esta é a razão de eu não te apprecer mais frequentemente, para fazer muitas conquistas...

Não lamenteis, por isso, o teu estado. Ah! conquistador! pegui-te, birbante, conquistador chinfrim, bisborria!

Eu tenho aqui uma figa para tu conquistares. Não tenho pretensões de dar-te lições sobre aquillo que devia ser da tua competencia...

E que necessidade tiveste tu de fazer aquillo com o Cypriano, que eu não conheço, mas cujo sorte lamento?

Que mal te fez elle? Dize, malvado! Tu denunciaste no teu escripto que estás louco, que estás desequilibrado, que estás perdido...

Tu perdeste a razão. Foi a historia das balas envenenadas que te poz n'esse estado? «Remorso eterno! eterno pesadelo!...

W! O que o Cidodillo disse da monarchia, eu digo do teu escripto:—Aquillo é uma pulga...

Tu não tens consciencia, alma putrida e execravel, provastello ainda, quando te prestaste a envenenar as balas, que deviam matar Cypriano, teu amigo...

«Tu sempre te distingues como vice presidente distinguiste te por teres engulado de um facto 15 leis provinciales, e a maior distincção que obtiveste ainda, foi a condemnacão que até hoje tu só soffrestes com a qual perseguiram-te no costado, como a tua tunica, soferalho!

Disse, que até hoje tu só soffrestes uma condemnacão como vice-presidente, e disse uma verdade, por que os outros que têm servido de espólio tu como tu, chegam a ser pronunciados, só na sequencia do processo absolvidos, ao passo que tu, velho sem escrupulos, praticaste actos tão revoltantes e escandalosos, por onde te mostraste tão sem pudor, que tiveste o justo castigo.

Tu mesmo és assim; és frito para essas brillanturas; esses papéis, meu velho arqui-quim, de gravata branca, te assentam bem; tu não sodes um bandido, pela facilidade e descaro, com que tens saltado por cima das leis, por cima de todas as conveniências e decóros; e como queres que o mundo acredite no que de mim diz um homem da tua qualidade?...

Não; tu não conseguirás o teu fim, homem pôdre, leysophago! Tu enguliste as leis, é certo, mas desde então «A boca comilona, erótica sensual «Traz a lembrança o fauno obscuro e o canibalo.

Mas eu não me esqueço do teu nariz, camelo! «E o nariz? O nariz! que farol! que obelisco! «Pantagruel deu-lhe a côr. Gargantua deu-lhe o risco.

«E o nariz de Falstaff, epico, em grande gala, «Purpureado e incendiado a fogos de bengala.

Velho sem alma, tu tambem queres envenenar a mim com as tuas balas ou bolas?... As tuas bolas, guarda-as para aquelles que com o maior despudor, com um cynismo alvar, alma gasta e porvertida, tu chamas teus amigos; e as tuas bolas... reserva-as para o maladoro, para as distribuyres por aquelles que estão debaixo da tua vigilância, e para quem tu tens de fazer o preparado!

A mim tu só podes envenenar com a tua baba, tão danada, e de d'isso que eu fujo. Cypriano era teu amigo, dizes tu, e ainda assim propinqueste-lhe o veneno, de que elle veio a fallecer; tambem Pestana era teu amigo, tão leproso, e tu não duvidaste abusar da confiança que lhe erradamente em ti depositou, até que um dia lhe poluiste o thalamo da esposa...

E ainda tu ches de familia que consinta um homem de taes precedentes fazer roda ás moças? E que tu já estás muito velho; não corre risco...

Eu si não faço roda, é porque não sou perú. Mas tu és; eu mesmo já te vi fazendo roda ás moças... Que patela! que grande parlapiúto!

Tu fazias uma roda immensa, colossal, sequipedada, inchavada as borchechas, e arregiavas-te todo de crista levantada:

«Todo redondo, «Senhor perú, «Cantando andava: «Gu-rú gu-rú.

Cantaste, ou não? Falla, bruto! Falla, general!

A's vezes o gallo faz mais do que o perú. O perú é o general; és tu... e então a moralidade da fabula é esta:

«Hi generaca «Entre mulheres, «Que na batibala «Nem são azeres.

Tu não comprehendes, grande burro, as contradicções em que caíes.

A principio achaste-me um mono, fazendo-te caréas, e tu com medo de morreres, como sagui que és: mais abaixo dizes, pondo o teu dito na boca de um namorado, que ha de ser um destructavel como tu, que sou moço, rico, bonito e não tão tolo como tu, faltando-me somente, à par d'estes predicados, o de conquistador, que tu almejas para mim.

Eu não te dei protractação, canalha, e por tu seres casquilho e destructavel, eu não hei de ir na tua esteira.

«O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta. E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Esta é a razão de eu não te apprecer mais frequentemente, para fazer muitas conquistas...

Não lamenteis, por isso, o teu estado. Ah! conquistador! pegui-te, birbante, conquistador chinfrim, bisborria!

Eu tenho aqui uma figa para tu conquistares. Não tenho pretensões de dar-te lições sobre aquillo que devia ser da tua competencia...

E que necessidade tiveste tu de fazer aquillo com o Cypriano, que eu não conheço, mas cujo sorte lamento?

Que mal te fez elle? Dize, malvado! Tu denunciaste no teu escripto que estás louco, que estás desequilibrado, que estás perdido...

Tu perdeste a razão. Foi a historia das balas envenenadas que te poz n'esse estado? «Remorso eterno! eterno pesadelo!...

W! O que o Cidodillo disse da monarchia, eu digo do teu escripto:—Aquillo é uma pulga...

Tu não tens consciencia, alma putrida e execravel, provastello ainda, quando te prestaste a envenenar as balas, que deviam matar Cypriano, teu amigo...

«Tu sempre te distingues como vice presidente distinguiste te por teres engulado de um facto 15 leis provinciales, e a maior distincção que obtiveste ainda, foi a condemnacão que até hoje tu só soffrestes com a qual perseguiram-te no costado, como a tua tunica, soferalho!

Disse, que até hoje tu só soffrestes uma condemnacão como vice-presidente, e disse uma verdade, por que os outros que têm servido de espólio tu como tu, chegam a ser pronunciados, só na sequencia do processo absolvidos, ao passo que tu, velho sem escrupulos, praticaste actos tão revoltantes e escandalosos, por onde te mostraste tão sem pudor, que tiveste o justo castigo.

Tu mesmo és assim; és frito para essas brillanturas; esses papéis, meu velho arqui-quim, de gravata branca, te assentam bem; tu não sodes um bandido, pela facilidade e descaro, com que tens saltado por cima das leis, por cima de todas as conveniências e decóros; e como queres que o mundo acredite no que de mim diz um homem da tua qualidade?...

Não; tu não conseguirás o teu fim, homem pôdre, leysophago! Tu enguliste as leis, é certo, mas desde então «A boca comilona, erótica sensual «Traz a lembrança o fauno obscuro e o canibalo.

Mas eu não me esqueço do teu nariz, camelo! «E o nariz? O nariz! que farol! que obelisco! «Pantagruel deu-lhe a côr. Gargantua deu-lhe o risco.

«E o nariz de Falstaff, epico, em grande gala, «Purpureado e incendiado a fogos de bengala.

Velho sem alma, tu tambem queres envenenar a mim com as tuas balas ou bolas?... As tuas bolas, guarda-as para aquelles que com o maior despudor, com um cynismo alvar, alma gasta e porvertida, tu chamas teus amigos; e as tuas bolas... reserva-as para o maladoro, para as distribuyres por aquelles que estão debaixo da tua vigilância, e para quem tu tens de fazer o preparado!

A mim tu só podes envenenar com a tua baba, tão danada, e de d'isso que eu fujo. Cypriano era teu amigo, dizes tu, e ainda assim propinqueste-lhe o veneno, de que elle veio a fallecer; tambem Pestana era teu amigo, tão leproso, e tu não duvidaste abusar da confiança que lhe erradamente em ti depositou, até que um dia lhe poluiste o thalamo da esposa...

E ainda tu ches de familia que consinta um homem de taes precedentes fazer roda ás moças? E que tu já estás muito velho; não corre risco...

Eu si não faço roda, é porque não sou perú. Mas tu és; eu mesmo já te vi fazendo roda ás moças... Que patela! que grande parlapiúto!

Tu fazias uma roda immensa, colossal, sequipedada, inchavada as borchechas, e arregiavas-te todo de crista levantada:

«Todo redondo, «Senhor perú, «Cantando andava: «Gu-rú gu-rú.

Cantaste, ou não? Falla, bruto! Falla, general!

A's vezes o gallo faz mais do que o perú. O perú é o general; és tu... e então a moralidade da fabula é esta:

«Hi generaca «Entre mulheres, «Que na batibala «Nem são azeres.

o que se refere ao odio chronico e infernal que elle diz votar em ao dr. Simplicio Coelho —o que não é exacto— quando eu votasse odio aquelle collega, nunca esse odio seria dosado pelo que essa vilora —o meu detractor votou ao Marquez!

Mas o interessante do periodo é isto:—«roubando-lhe o diploma incontestado, que meutira! —e aquelles, nossos co-religionarios da mesma cidade» (Parahyba) ponto e virgula... De sorte que, bruto, sem teres talvez intenção, accusas tambem os teus co-religionarios, d'alli...

E conclues o periodo assim:—«e aqui o teu proprio tio, amigo e protector, revm conego Thomaz, aquem tens desgostado muito, e na assemblea provincial o desrespeitaste tanto, que só um homem da tua laia o poderia fazer!»

Então, bruto, o meu proprio tio, amigo e protector, revm conego Thomaz, aqui na capital, como é o teu co-religionario da Parahyba, como tu dizes, angélico, reubca o diploma do dr. Simplicio Coelho?!

Já é tempo de despellir-me de ti, meu conquistador: o assumpto que escolheste para a these de doutoramento prova bem a tua mania, velho mentecapto, e eu fico sabendo não servir para isso, porque tu, meu charlatão, dizes que eu tenho as «pernas curtas e canhotas» e que até me pareço com um orangotango, quando eu vivia na illusão de ser bem feito de corpo...

São descobertas que tu fazes, e que tem o mesmo valor das outras. Não prosigas, mentiroso.

P. S.—Ha um periodo que começa assim: «Baldão-nós, frã-nós, calunniem-nós, injuriem-nós... que nós lhes diremos etc., e no periodo que se segue, lê-se: «Para encher a palinodia eu oração «prodominationes servituti» em louvor do Marquez de Parangará, —cita este... este quem? N'um outro periodo, lê-se: «Si em todos esses grandes, primeiros, e incomparaveis poetas, etc., mil entres injurias mordem e tentam desconceitualos, que havemos de fazer nós que não somos dos «fars, primo vivere deinde philosophare?»

Logo, aquelles são... Foi isto mesmo que tu quizesse dizer? Ha ainda a notar esta belleza, quando dizes:—«S. mento é e será sempre... e continuando:—«ate chegares... onde te apararã... (o gripho é men).

Põe, velho tolo, uma rôlha ao dique das tuas asneiras.

NOTICIARIO.

REUNIÃO POLITICA.—A's 6 horas da tarde do dia 10 do corrente terá lugar uma reunião politica em casa de residencia do nosso importante e prestimoso amigo coronel João da Cruz e Santos, abm de tratar-se de negocios de maxima importancia; pelo que são convidados para assistir a todos os eleitores liberees das duas freguezias de N. S. das Dores e de N. S. do Amparo.

Eleição provincial.—Aproximase o dia 11 do corrente, designado pelo governo da provincia, para ter lugar a eleição d'um deputado á assemblea legislativa provincial, no 1.º districto eleitoral, na vaga aberta com o fallecimento do nosso prezado amigo capitão Joaquim da Silva Brito.

Conven que os eleitores, nossos amigos, não só não falem a essa eleição, como tambem desarranjem a votação no candidato apresentado pelo directorio—o nosso importante amigo tenente coronel Theodoro José da Silva e Souza Boa-Vista, sem a menor discrepância; porque somente assim poderão contar com a victoria das urnas e provar a nossa pujança—a nossa força perante o adversario.

Esperamos e confiamos que os distinctos eleitores liberees das freguezias de N. S. das Dores e de N. S. do Amparo, como sempre, cumpram os seus deveres: dando, mais uma vez, prova irrefragavel de disciplina e amor ao grande e brioso partido, á que todos nós pertencemos.

A Epoca e a Phalange.—Não podemos contentar aos collegas da Epoca e da Phalange em materia de provas, quanto aos negocios de Jaciós. Os collegas se mostram por demais intolerantes. Que melhor prova para convencer aos espiritos desprevenidos e imparciais, do que essa consistente no testemunho d'um adversario respeitavel, por seu prestigio e posição de familia, como o sr. Amador José Ferreira?

Houtem, quando exhibimos representações, informações dos nossos amigos contra o promotor de Jaciós, diziam os nossos adversarios, são allegações suspeitas, filhas da paixão partidaria, e portanto, parciais e sem valor.

Hoje, que apresentamos, como aminiculo d'essas representações e allegações, o testemunho insuspeito de um conservador, que merece fé, por ser homem verdadeiro, ainda os nossos adversarios recalcitrantem em não aceitar, como precedente, o facto allegado de ser Barros Alencar o promotor das desordens na comarca de Jaciós, porque, accrescentam elles, esse testemunho é filho do despeito! Per essa forma é impossivel fazer-se e apresentar-se uma prova tal como querem os intransigentes collegas.

Mas acreditamos que o exm.º sr. dr. Vieira da Silva, que paira em uma grama elevada e que vê as cousas por prismas diversos, ha de convencer-se da verdade por nós proclamada e sustentada pelo sr. Amador José Ferreira; renovando afinal a causa de tantos barulhos—de tantas agitações na comarca de Jaciós.

Não exigimos que s. exc. tire o pé ao promotor, indigitado e pondo de discordia; mas contentamo-nos com a sua remoção para outra comarca. Assim cumprirá s. exc. um dever de justiça, con-

correndo, como delegado do governo imperial, para o restabelecimento do imperio da lei e do socego publico n'aquella comarca.

S. exc. como administrador honesto e filho do benemerito visconde Vieira da Silva, que n'esta provincia deixou um exemplo vivo e edificante de moralidade administrativa, não querera, certamente, sacrificar os altos interesses da justiça, e nem comprometter a sua reputação, por amor de mal entendidas conveniencias partidarias.

Alferees Franco.—No intuito de defenderia este desbragado ex-delegado de policia do termo de Jaciós, a «Epoca», d'após de qualificar o doctissimo e digno militar, confessa, editando, que o referido alferees andou mal presentando correcionalmente por poucas horas o adjunto do promotor, por que sabe o collega que ninguém pôde ser preso correcionalmente, e a autoridade que subesse pretextos fôr alguma prisão incorrer em responsabilidade criminal.

E tanto andou mal tal ex-delegado de Jaciós, alferees Franco que s. exc. o sr. dr. Vieira da Silva fez o seu dever, mandando-o prender a prisão por 24 horas, não só por não ter elle cumprido a ordem presidencial concernente a abertura de inquerito sobre o bárbaro espancamento do adjunto do promotor, como pela violenta prisão feita ao mesmo adjunto, que nenhum crime estava praticando, na occasião, em que fora preso.

Os factos articulados pelo collega não justificados o procedimento arbitrario, e violento do alferees Franco; porque sem culpa formada e sem ser em flagrante delicto, toda e qualquer prisão é uma illegalidade, um acto de violencia.

Si o adjunto injuriava ao ex-delegado, poderá este usar do direito de quixa perante a autoridade competente; mas nunca da prisão que na hypothese é um abuso e o abuso não é um direito.

Jaciós.—D'esta localidade nos escrevem: «O promotor Benedicto, herde de mil Brillanturas teve a ousadia de dirigir uma carta dentro de um officio, que em 5 de dezembro ultimo, dirigio como promotor ex em. sr. presidente desta provincia dr. Vieira da Silva. S. exc. que bem comprehendea a ousadia, a falta de respeito d'esse funcionario que, em Jaciós, joga com o seu nome, para perseguir aos liberees d'aquella infeliz comarca, ordenou ao seu secretario para devolver ao signatario a carta em original, ordenando que cumprida, como se vê do jornal official «Epoca» n.º 548 d'este anno em que, na parte do expediente do dia 18 de dezembro, se vê publicado, o officio que aqui, para sciencia do publico, fica transcripto:—1.ª secção.—Ao promotor publico da comarca de Jaciós.—De ordem de s. exc. o sr. presidente da provincia, devolva a v. s. a inclusa carta em original, que acompanhava ao officio que em data de 5 do corrente mez, dirigiu v. s. aquelle exm. sr. O procedimento de s. exc. devolvido a carta é digno de encomios e mostra claramente a sua reprovacão a disconsideração á sua pessoa, legitimo superior bem como que não admitte tal abuso que só se explica para evitar o pagamento do selo o prejudicar aos interesses do Estado. O promotor infractor da lei, além da reprovacão de s. exc., incorreo na pena de multa que engeitouse por ter envolvido em um officio uma epistola particular, como evidentemente está provado.

Chamamos, pois, a attenção, para o caso, do sr. administrador dos correios e para o exm. sr. ministro da fazenda.

Vejam os que accõnecera ao infractor da lei destructavel nada mais do que verso a memoravel compozição de Barros Alencar, nas paginas da «Epoca», desferindo o seu canto de morte!

Quando leu a epigrama do tal escripto, onde só respitão a insolencia, e as injurias contra o probo e distinctissimo dr. Sábioa, supposmos que não ser demolidas as nossas instituições, cimos mesmo que grandes perigos corrião os estados; mas, a final do referido escripto, convençamo-nos de que era tudo pilheria; a montanha que paria um ridiculo mes, e a apparição de um Verghnaud-merin, cantando a sua «marselheza»:—«viva o partido conservador! Ah! como que elle prate-se com o grande homem, o heroe da França, que morreu victima da sua nobreza, e no lugar onde se expurge o sangue para surgir a liberdade, em quanto que os merins purgão seus crimes e malversações no fundo dos carceres de envolta com seus smiles, sem chegarem n'aquelle lugar de honra, á menos que não sejam para exercer a sublimidade profissional... Este ainda teve as faces de Curitiba Cordey—para exercer sua brutalidade, e os Linos—Legros, á falta d'aquellas teve viva satisfação em esbofetear as candidas faces da justiça, para saciedade dos seus instantos!

Já promettemos nas columnas deste jornal, analysar os actos do promotor de Jeromenna que ali vai anarchizando o foro, e constituindo-se o perseguidor do nosso illustrado amigo dr. Sábioa, e o ferozes brevemente.

Para avaliar-se a audacia do novo verghnaud-merin, nada mais basta, do que ler o proprio documento publicado no meio do canto de morte do sr. José Lino.

E de conhecida no foro, a forma usada por aquelle promotor, de requerer certidão injuriando logo ao juiz. Mas tudo se ha do ver, n'esta situação apodrecida, em que a justiça é confiada aos Barros Alencar de Jaciós e José Lino Legros, de Jeromenna.

A Epoca—noticiando a estada do actual promotor de Jaciós, Barros Alencar n'esta capital, apresenta-o aos olhos do governo da provincia como um santo orgão da justiça publica, victima do odio e paixão partidaria, levando á conta do illustrado magistrado dr. Alfredo Teixeira Mendes o estado anormal, em que tem se achado a comarca de Jaciós.

O contemporaneo fala impulsivado pelas conveniencias politicas, e não pelo dever e pela justiça.

Com relação ao digno juiz de direito dr. Alfredo, ainda uma vez folgamos da declaração, que as accusações do jornal adverso são destituídas intrinsecamente de base—de fundamento; pois que o dr. Alfredo para confundir essas accusações injustas e apaixonadas tem demonstrado que aos seus despachos e sentenças não merecêdo a sanção ou confir-

mação por parte do egregio tribunal da relação do districto.

E' com effeito a melhor defesa do digno juiz. Quanto ao promotor de Jaciós temos igualmente provado com juizes insuspeitos de conservadores importantes, como o sr. Amador José Ferreira—que é o mesmo promotor a causa da anarchia e perturbacões na comarca; não sendo, por consequente, o nosso procedimento dictado por espirito politico, mas por amor da causa da justiça.

A esse respeito, remettemos o collega para o escripto do sr. Amador José Ferreira, publicado no ultimo numero d'esta folha.

Actos de justiça.—S. exc. o sr. dr. Vieira da Silva acaba de mandar recolher a prisão por 24 horas o alferees Franco, por ter tido mal desimpedido a commissão do delegado de policia de Jaciós, e de remetter para a comarca de Oeiras o promotor d'alli Barros Alencar, por se tornar este impossibilitado de continuar em Jaciós, onde se achava em desbaromia e luta com o dr. juiz de direito, e tomar parte activa na politica.

Estes dois actos do illustre administrador, são dignos de louvor e muito o honram, porque elles são a consagração da mais rigorosa justiça—do respeito á lei e á moralidade do seu governo.

Sentença.—Em outra secção d'esta folha damos publicidade a uma bem deduzida e juridica sentença, lançada pelo illustre juiz de direito da comarca de Oeiras, nosso prezado amigo dr. Bento Borges da Fonseca, nos autos civis entre partes: do autor d. Roza Benedicta de Hollanda, e como réo o nosso importante amigo major Antonio de Hollanda Costa Freire.

E' uma peça forense de subido valor pelos verdadeiros principios de direito que encerra essa luminosa sentença, de que nos occupamos; pelo que acreditamos que ella merecêdo a confirmacão do egregio tribunal da relação do districto, para quem appellon a autorã e a quem não faltão luzes o saber para a boa applicação da lei e dos principios de justiça.

Tivemos occasião de ler e apreciar os fundamentos d'essa sentença, fundamentos todos que determinam com clareza e precisão o direito incontestavel do réo ás terras questionadas.

Por esse esplendido triumpho, alcançado em 1.ª instancia, nós nos congratulamos com o nosso prezado e dedicado amigo maior Hollanda, á quem enviamos um aperto de mão.

Estado penoso é o da população de Oeiras, onde está morrendo gente á fome, por effeito do terrivel flagello d'essa seca. Pedimos a s. exc. o sr. dr. Vieira da Silva que mande succorrer aquella infeliz população com os precisos meios de subsistencia.

Estão n'esta cidade os nossos prezados amigos capitães João A. Pacheco e João Miguel Jarrinha.

Nossos cumprimentos.

Acha-se n'esta cidade, de viagem para a corte, o nosso prezado amigo, dr. Anacleto José de Souza, ex-juiz municipal do termo de Valença. Nós o cumprimentamos.

De Coxias regressou o nosso prezado amigo capitão Mariano Gil, á quem cumprimentamos pela boa viagem.

Na eleição ultimamente havida no Rio Grande do Sul para um lugar de deputado geral triumphou o candidato liberal, sendo eleito por uma grande maioria o dr. José Francisco Dianna, distincto liberal—rio grandense. Parabens.

No antecio districto de Pernambuco foram a 2.ª escrutinio os candidatos liberal dr. João do Rêgo Barros e o conservador conselheiro Portella.—E' possivel que o outro candidato conservador tenente-coronel Apolinario de Albuquerque Maranhão faça desarrregar a votação no candidato liberal—dr. João do Rêgo Barros.

Commetimento grandioso.—O distincto engenheiro dr. Paulo de Frontin, auxiliado pelos seus tambem distinctos collegas drs. Julio Parangará e Carlos Sampaio, acaba de realizar um extraordinario commettimento, conseguindo augmentar o abastecimento de agua á população do Rio de Janeiro no espaço diminuido de 6 dias!

Por tão gigantesca e arrojada empresa, esses illustres brasileiros se elevaram no conceito nacional e conquistaram para si os maiores titulos de benemerencia; sendo até das mais ruidosas e jestas demonstrações de apreço.

Honra e gloria a tão distinctos engenheiros, que, d'esta arte, deram uma proveitosa lição ao governo e a engenharia official.

Fallecimento.—Falleceu a 30 do passado n'esta cidade, de antigos padecimentos, a exm.ª sr.ª d. Clara Roza de Jesus Leal Castello Branco, digna viuva do distincto tenente-coronel Felix Pereira da Silva, irmão do illustre pianhyista dr. Antonio Borges Leal Castello Branco, de saudosa memoria, e ita fias nossos estimados amigos epistães Marcellino Borges Ferreira Castello Branco e Joaquim Ferreira Castello Branco.

A illustre finada era uma senhora respeitavel, pertencente a uma das mais importantes familias da provincia.

Seu corpo foi sepultado no cemeterio publico ás 1/2 horas da tarde do 1.º do corrente.

Aos nossos prezados amigos, capitães Marcellino e Joaquim Ferreira Castello Branco, sobrinhos e alhidos da finada e os demais parentes, apresentamos nossos sinceras condolencias, por esse fatal acontecimento.

ANNUNCIOS

Gabriel Luiz Ferreira, José Felix Alves Pacheco, Benedicta Gandida da Conceição Pacheco, Theodoro Alves Pacheco e Ignez Roza Vianna Pacheco, profundamente perturbados para com todas as pessoas que fizerem o caridoso obsequio de acompanhar ao ultimo jazigo o corpo de sua sempre lembrada esposa, filha, irmã e cunhada d. Maria Benedicta Cavilho da Conceição Pacheco, bem como de assistir a uma de commemoração do 7.º dia, prevalem-se da imprensa para protestar-lhes sua eterna gratidão, emquanto não podem fazer pessoalmente. Theresina, 1.º de maio de 1899.